



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

REVISTA DE GUIMARÃES.

MEIRA, Joaquim José de

Ano: 1921 | Número: 31

Como citar este documento:

MEIRA, Joaquim José de, Revista de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 31 (1-2) Jan.-Jun. 1921, p. 5-12.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

REVISTA DE GUIMARÃES

Dois anos apenas após a sua fundação começou a Sociedade Martins Sarmiento a publicar a sua *Revista de Guimarães*.

Tem o primeiro número a data de 1 de Janeiro de 1884.

O fim desta publicação, di-lo em termos singelos mas expressivos o artigo-programa com que abre esse primeiro número.

«E' realmente uma *revista* de Guimarães, que nós fazemos, é pela sua prosperidade que nos dedicamos, são as suas condições de vitalidade que vamos estudar e documentar, é Guimarães que procuraremos fazer conhecida e estimada pelo resto do paiz.»

Não era inoportuna a iniciativa, nem menos justificado o intuito patriótico que a determinou.

Os iniciadores da Sociedade Martins Sarmiento conheciam sobejamente o meio em que viviam.

A cidade de Guimarães tinha no carácter da sua população, no seu génio activo e empreendedor, razões sérias para progredir e se impôr à consideração do país. A sua feição industrial, o seu comércio, a sua situação agrícola, davam-lhe evidentes condições de prosperidade.

Horvesse alguém que estimulasse essas naturais condições, e numa justa propaganda tornasse conhe-

cidas as suas aptidões e qualidades de trabalho, e certo seria que o conceito que até então dela se formara se transformaria por completo.

Por tôda a parte se falava nos afamados linhos de Guimarães, nas suas cutelarias, nas suas peles curtidas; e contudo esta população que tanto se afa-digava e produzia, nem tinha a devida consideração do país, nem os poderes públicos lhe dispensavam o interesse merecido.

Para que uma tal situação se modificasse, foi preciso que a Sociedade Martins Sarmiento, ao mes-mo tempo que se propôs constituir uma permanente homenagem ao sábio illustre que foi o Dr. Martins Sarmiento, lançasse mãos à obra daquela indispensá-vel propaganda.

Foi assim que entre outras iniciativas valiosas que assinalaram os seus princípios, sobressaiu a da Exposição Industrial concelhia de 1884, a primeira exposição dêste género realizada em Portugal. Até então nenhum concelho se abalançara a tal empreen-dimento, dispondo unicamente dos seus próprios re-cursos.

A cidade de Guimarães pode bem honrar-se com ter sido a primeira que tal conseguiu.

E se o conseguiu bem ou mal, di-lo o insuspeito relatório elaborado pelo Comissário do Govêrno, o engenheiro Gustavo Adolfo Gonçalves e Souza, di-rector do Instituto Industrial do Pôrto.

Esse relatório, que foi publicado na folha official, fazia inteira justiça ao valor industrial desta terra e ao que dela legitimamente se poderia esperar, dada a sua índole de iniciativa e de trabalho, desde que as instâncias officiais lhe não faltassem com o devido apoio.

Como se vê das palavras que atrás deixo trans-critas, foi com orientação semelhante que a primeira

Direcção da Sociedade Martins Sarmiento resolveu a fundação da *Revista de Guimarães*.

Quem compulsar as suas páginas, durante os trinta anos em que ela foi ininterruptamente publicada (1884 a 1913), verá como se cumpriu o programa anunciado.

Embora por vezes outros interessantes assuntos nela fossem versados, forçoso é reconhecer que na sua máxima parte se tratou ali do que mais interessava à cidade e concelho de Guimarães.

Da sua arqueologia, da sua história, dos problemas da sua agricultura, das suas instituições e monumentos, da sua instrução, das suas indústrias, da sua higiene, de tudo isso houve quem particularmente ali se ocupasse.

Nesta publicação foram arquivados muitos documentos do arquivo municipal, da Colegiada, de cartórios de diversas corporações, de antigos conventos, mesmo de cartórios particulares, estatutos das antigas corporações de artes e ofícios.

Aqui se arquivaram elementos preciosos para se julgar da importância e progresso da biblioteca e museus da Sociedade.

Aqui se deu conta minuciosa da sua vida interna, da forma por que ela se ia desempenhando dos seus deveres sociais, das benemerências dos seus consócios, das suas festas escolares e de muitas outras particularidades dignas de nota.

Esta feição local que sempre se procurou salientar na publicação, conforma-se com a qualidade das pessoas que foram os seus principais e mais assíduos colaboradores durante os trinta anos da sua existência.

De facto, quem passar a vista sôbre os trinta volumes que constituem a sua colecção, reconhecerá sem demora que os trabalhos publicados pertencem

na sua maioria a homens desta cidade ou aqui residentes.

O Sr. Joaquim de Vasconcelos, ilustre professor e grande amigo de Martins Sarmiento, foi dentre as pessoas estranhas quem mais colaborou na *Revista de Guimarães*.

São seus os artigos :

Advertencia sôbre Voyage de Jehan Van-Eyck.

Renascença portugueza — O Convento de S. Marcos.

Os pannos de raz em Portugal. Toreutica.

Também o Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, distinto arqueólogo, que com o Dr. Martins Sarmiento principiou a cultivar relações já desde o tempo em que, sendo aluno da Escola Médica do Pôrto, aqui vinha passar muitas vezes as suas férias, escreveu para a nossa *Revista* os seguintes artigos :

Dialectos Minhotos.

Dialectos interamnenses.

De J. Henriques Pinheiro, professor do liceu de Bragança, que nesta cidade conheci professor oficial de francês e aritmética entre 1865 e 1870, encontramos nela os artigos intitulados :

Ruinas romanas de Castro de Avelãs.

Duas inscripções romanas ineditas.

Ao Sr. Conselheiro Abel de Andrade pertencem os artigos :

*Sá da Bandeira e as missões religiosas.
Os Missionarios Portuguezes na Africa
Occidental.
Importancia do Clero.*

Do Dr. José Machado são os artigos :

*Capella e Morgado de Guilhomil.
Padre Torquato Peixoto de Azevedo.*

Outros nomes (uns 10 a 12) nela aparecem ainda; mas a sua colaboração, embora valiosa, nada teve de assídua, pois se limitou a um só artigo.

Confirma-se portanto o que já deixei dito. A colaboração da *Revista de Guimarães* pertenceu na sua máxima parte aos nossos compatriços vimezanenses.

Os nomes de Martins Sarmento, Alberto Sampaio, José Sampaio, Domingos Leite de Castro, Avelino da Silva Guimarães, Abade de Tagilde, Avelino Germano, José de Freitas Costa, João de Meira, são entre outros, que neste meio se formaram sob o influxo da Sociedade Martins Sarmento, dos que mais frequentemente se nos deparam.

O Dr. Martins Sarmento faleceu em 9 de Agosto de 1899.

Data triste! Morreu o patrono e após êle foram sucessivamente desaparecendo, e em curto praso, os iniciadores e maiores amigos da Sociedade Martins Sarmento.

O Dr. José Sampaio sobreviveu-lhe pouco mais dum mês.

O Dr. Avelino Guimarães menos de dois anos depois seguia o mesmo caminho.

Alberto Sampaio, inconsolável pela morte do ir-

mão, a quem o ligava uma grande amizade, retirou-se para a sua casa de Boamense (Famalicão) e ali faleceu.

Hoje já não existe um só desses principais colaboradores e grandes amigos da *Revista de Guimarães*.

No último número, correspondente ao ano de 1913 e publicado já no princípio de 1916, em que se presta homenagem à saudosa memória do bom Abade de Tagilde, falecido em Abril de 1912, há um artigo que eu suponho escrito por Domingos Leite de Castro, o último sobrevivente da pléiade ilustre a que me referi.

Esse artigo remata pelas seguintes palavras:

«Não pôde (o Abade de Tagilde) concluir a sua coroa de gloria ⁽¹⁾. Mas deixou impresso o primeiro volume em cujos indices trabalhava quando a mortal doença o acommetteu.

Bem ganhou a sua vida o indefesso combatente que á posteridade legou tam grande espolio que ainda nesta hora, depois de desaparecido tambem João de Meira, se não enxergam hombros que dignamente retomem a tarefa em que a morte o colheu. E nesta desoladora verdade está o melhor argumento do valor excepcional do grande e querido morto.»

Nestas palavras fica explicada também a razão por que a *Revista de Guimarães* se suspendeu a partir do ano de 1913.

Domingos Leite de Castro, o último iniciador que nos restava da Sociedade Martins Sarmiento, a quem se devia a proposta da criação da *Revista de Guimarães*, via bem nesse momento o que irremediavelmente tinha de succeder.

(1) *Vimaranis Monumenta Histórica*.

A *Revista de Guimarães* ia interromper-se.

Porquê?

Porque se não enxergavam ombros que dignamente retomassem a tarefa dessa publicação.

Até quando?

Até que um homem com inteligência e grande fôrça de vontade, pondo decididamente o seu esforço ao serviço da nossa Revista, a trouxesse novamente à publicidade.

Esse homem deve ter aparecido agora, volvidos oito anos.

O Dr. Eduardo Almeida, actual presidente da direcção da Sociedade Martins Sarmento, será o restaurador da *Revista de Guimarães*.

Com êle e com a direcção da sua presidência me congratulo pelo propósito patriótico que os inspira.

Eu pertenço aos poucos que hoje restam dos sócios fundadores da Sociedade Martins Sarmento.

Conheci e tratei intimamente com os homens que há quarenta anos foram os seus iniciadores.

Acompanhei sempre a prestante instituição vimaranense com a minha maior simpatia e dedicação.

Em todas as suas iniciativas dei-lhe sempre o concurso da minha boa vontade, visto outras qualidades mais proveitosas lhe não poder dar.

Nunca lhe faltei nos seus melhores e nos seus piores dias.

E' porisso que hoje, convidado a colaborar na nova série da *Revista de Guimarães*, e apesar do propósito desde há muito formado, eu não declino o honroso convite feito, embora reconheça o seu desempenho muito superior às minhas forças.

Recordo saudosamente o passado da instituição que tantos entusiasmos despertou nos homens da minha geração; e por mim e em nome dêles saúdo e aplaudo os novos que, cheios de fé e de amor pela

sua terra, procurem iniciar para ela uma nova era de prosperidade, conservando e acrescentando o patrimônio adquirido, e congregando nessa aspiração patriótica os elementos aproveitáveis que por aí andam dispersos e perdidos.

Guimarães, 28 de Abril de 1921.

J. DE MEIRA.